MEMÓRIA CULTURAL, PATRIMÔNIO IMATERIAL E DESAPARECIMENTO DE BENZEDEIRAS E REZADEIRAS

Maria Eduarda Marques de Paula, Vânia Braz de Oliveira

Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, mariamarxpaula@icloud.com, vanijaor@univap.br

Resumo
Este artigo investiga a importância cultural, social e simbólica de benzedeiras e rezadeiras, e o risco de apagamento de seus saberes diante do enfraquecimento da oralidade, do avanço da tecnologia na comunicação e do racismo religioso. O objetivo foi contribuir para a preservação e valorização dessas práticas por meio do registro de histórias de vida, memórias e conhecimentos de duas rezadeiras do município de Paraibuna, São Paulo. A pesquisa, de abordagem qualitativa, utilizou entrevistas semiestruturadas (instrumento da prática jornalística), amostragem intencional e análise temática. Os resultados mostraram trajetórias de aprendizagem ligadas à família e à oralidade, a permanência de práticas de reza e benzedura e a diversidade de conhecimentos, incluindo orações, rituais e preparações com ervas. Conclui-se que o registro jornalístico em formato de livro-reportagem pode funcionar como lugar de memória e instrumento de visibilidade, contribuindo para a documentação e a continuidade desses saberes tradicionais.

Palavras-chave: Benzedeiras. Rezadeiras. Livro-reportagem. Memória cultural. Oralidade.

Área do Conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas

Introdução

Benzedeiras e Rezadeiras são aquelas que representam a medicina popular, que detém orações para o bem do corpo e da alma. São conhecidas como curandeiras, feiticeiras e bruxas. Os ensinamentos, rezas e benzeduras são passados de geração em geração e realizados, normalmente, pelas anciãs das famílias como avós, bisavós e tataravós. Utilizando plantas e ervas, essas mulheres curam os enfermos que lhes pedem ajuda e fazem a caridade sem olhar à quem.

Atualmente, o desinteresse das gerações mais jovens por práticas tradicionais e pela cultura familiar é um fenômeno crescente. O ambiente digital tornou-se um espaço praticamente exclusivo dos jovens, contribuindo para o distanciamento da escuta atenta aos ancestrais, que detém a memória oral. A popularização das redes sociais e a proliferação de vídeos tutoriais na internet direcionam a busca por conhecimento para o ambiente digital, tendo a informação imediata como principal atrativo, fugindo da sabedoria ancestral transmitida oralmente. Com o imediatismo do mundo atual, os jovens têm cada vez menos disposição e interesse em escutar os mais velhos de sua própria família e aprender sobre ancestralidade, rezas e benzeduras tradicionais. Além disso, a persistência do racismo religioso e o preconceito enraizado contra práticas consideradas “pagãs” e de descendência africana contribuem significativamente para a invisibilização e o declínio desses saberes.

O esquecimento das benzedeiras e rezadeiras traz um grande prejuízo para sociedade. Seus conhecimentos não são pautados em livros e, sim, repassados através da oralidade, quando não existe interesse em ouví-los eles são perdidos e há um apagamento histórico.

Dessa forma, este estudo buscou responder: de que forma o registro jornalístico das histórias e dos saberes de benzedeiras e rezadeiras pode contribuir para combater a invisibilização cultural e preservar a memória dessas práticas? O objetivo geral foi contribuir para a preservação e valorização dos conhecimentos ancestrais das benzedeiras e rezadeiras, por meio do registro de suas histórias, e combater o esquecimento e desaparecimento histórico dessas figuras que constituem a memória cultural do Brasil.

Para alcançar esses objetivos, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas opinativas jornalísticas com duas rezadeiras de Paraibuna - SP. Os relatos opinativos foram organizados para a produção de um livro-reportagem, como forma de registro documental e sensível das narrativas coletadas. A escolha do formato se deve à sua capacidade de articular a apuração jornalística, contextualização e narrativa, transformando testemunhos orais em um suporte material de lugar de memória.

Metodologia

A pesquisa adotou abordagem qualitativa e caráter opinativo. A amostra foi composta por duas benzedeiras e rezadeiras atuantes, pertencentes a comunidades urbanas e rurais do município de Paraibuna, do estado de São Paulo. A definição da amostra ocorreu por amostragem intencional, selecionando participantes com experiência reconhecida na prática da benzedura e com disponibilidade e interesse em contar suas histórias e experiências.

As entrevistas foram realizadas entre os meses de maio de 2026 a agosto de 2026, em locais escolhidos pelas próprias entrevistadas. Foi utilizada uma pauta semiestruturada com caráter opinativo, que orientou a conversa sem restringir a liberdade narrativa das entrevistadas. A técnica permitiu aprofundar temas como aprendizagem das rezas, trajetória de vida, práticas de cuidado, uso de ervas, transmissão familiar e percepção sobre a permanência ou o desaparecimento desses saberes. Segundo orientação de membro do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), a entrevista, neste trabalho, caracteriza-se como ferramenta própria da atuação jornalística, enquanto as perguntas formuladas limitaram-se à pesquisa de opinião.

A primeira participante foi Maria Aparecida Lourenço Miranda, de 73 anos, moradora da zona rural de Paraibuna. A entrevista aconteceu em 31 de maio de 2026, em sua residência. Conhecida como Dona Cida Rezadeira, ela relatou que aprendeu a rezar com a mãe, Dona Dita, e que desenvolve essa prática desde a infância. A segunda participante foi Izaltina Cardoso da Silva, de 84 anos, moradora da região urbana de Paraibuna. A entrevista ocorreu em 4 de julho de 2026, em sua residência. Conhecida como Dona Tina, ela relatou ter aprendido a benzer com uma prima e mencionou práticas como a oração e o ritual da “brasa na água”, além da preparação de garrafadas com álcool e ervas para fins medicinais.

Para investigar e registrar as memórias e saberes das benzedeiras, utilizou-se o método 'bola de neve', técnica inerente do fazer jornalístico. Conforme Vinuto (2014), essa técnica consiste em utilizar cadeias de referência, onde informantes-chave iniciais, denominados 'sementes', indicam novos contatos com o perfil desejado a partir de suas próprias redes pessoais. A escolha deste método justifica-se pelo objeto de estudo, que envolveu um grupo de difícil acesso e cujos saberes pertenciam a um grupo fechado específico. Assim, a rede de entrevistas expandiu-se sucessivamente até atingir o ponto de saturação, quando as novas indicações deixaram de acrescentar dados inéditos à análise, garantindo a profundidade necessária para o registro das memórias das benzedeiras. Duarte (2004) ressaltou que a entrevista é um instrumento privilegiado para a apreensão de subjetividades, permitindo que os sujeitos da pesquisa articulem suas próprias narrativas e visões de mundo. No contexto do jornalismo, a entrevista foi além da extração de dados, configurando-se como um espaço de escuta ativa e de construção dialógica do conhecimento (LAGE, 2001).

Essa construção dialógica encontrou suporte na metodologia da história oral em busca das falas opinativas, também utilizada em produções jornalísticas especiais, que foi mobilizada neste trabalho por sua relevância no resgate de memórias de grupos marginalizados. Cassab (2004) e Rouchou (2003) destacaram que essa abordagem possibilitou dar voz àqueles cujas trajetórias foram excluídas das narrativas oficiais. Ao entrevistar benzedeiras e rezadeiras sob essa ótica, o jornalista atuou como um mediador de memórias silenciadas, transformando a oralidade e sa opiniões em um registro que combate o esquecimento e a invisibilização. Para a execução prática dessas entrevistas foi elaborada uma pauta com perguntas opinativas, que serviu como base para entrevista com a personagem.

Resultados

A análise das entrevistas permitiu identificar quatro eixos principais: transmissão familiar dos saberes, centralidade da oralidade, diversidade das práticas e relação entre cuidado e memória cultural.

Nas duas trajetórias analisadas, o aprendizado ocorreu por meio de relações familiares. Maria Aparecida associou sua formação como rezadeira à convivência com a mãe, Dona Dita, que lhe transmitiu as orações e os modos de realizar a prática. Izaltina relatou ter aprendido a benzer com uma prima. Esses percursos indicam que a transmissão dos conhecimentos ocorreu pela convivência, pela observação e pela repetição, e não por uma formação institucional.

Os relatos mostraram que o conhecimento das entrevistadas não se restringe ao conteúdo verbal das orações. O benzimento envolve opiniões diversas sobre os modos de fazer, gestos, objetos e elementos naturais. No caso de Izaltina, a referência à “brasa na água” e às garrafadas evidencia que o saber é composto por procedimentos e materiais específicos.Dona Cida também enfatiza a paramenta de benzimento que utiliza, a água benta, o terço e uma espécie de vestimenta que coloca antes de iniciar um benzimento. A oralidade, portanto, aparece articulada à experiência prática e à memória corporal das participantes.

As entrevistas também evidenciaram diferenças entre as práticas das duas participantes e suas opiniões sobre as práticas relatadas. Maria Aparecida foi apresentada como rezadeira cuja atuação se relacionava principalmente às orações aprendidas no ambiente familiar e, após ficar conhecida por essa prática, foi reconhecida pela igreja católica como membro do Ministério do Benzimento. Izaltina, além das rezas, produzia garrafadas com álcool e ervas para fins medicinais. A diferença entre os relatos demonstra que não existe uma única forma de exercer a benzedura ou a reza; há repertórios diversos, construídos de acordo com a trajetória de cada praticante e com os conhecimentos disponíveis em sua rede de relações.

A realização das entrevistas e a organização dos relatos em formato de livro-reportagem produziram um registro documental das opiniões sobre as experiências das participantes. O processo deslocou as entrevistadas da posição de figuras anônimas ou estigmatizadas para a de narradoras de suas próprias histórias. O resultado reforçou a função do jornalismo como mediador de memórias e como prática capaz de tornar visíveis sujeitos e conhecimentos pouco representados em registros formais.

Discussão

Os resultados dialogam com a compreensão de cultura popular como conjunto dinâmico de práticas e saberes, e não como vestígio fixo de um passado idealizado (Chartier, 1995; Domingues, 2011; Catenacci, 2001). As trajetórias de Maria Aparecida e Izaltina mostram que o benzimento permanece associado à vida cotidiana e se reorganiza conforme os contextos familiares e comunitários. A prática, mesmo carregando opiniões diversas, deve ser compreendida como patrimônio vivo, cuja continuidade depende da atuação das próprias praticantes e das redes sociais que reconhecem seu valor (Rocha, 2009; Santos, 2009).

A aprendizagem familiar identificada nas entrevistas confirma a relevância da oralidade para a preservação dos saberes tradicionais. Para Ong (1998), a oralidade possui formas próprias de organização e transmissão do conhecimento. Zumthor (1993) acrescenta que a voz, o corpo e a performance participam da produção do sentido. Essa perspectiva ajuda a compreender por que o registro das entrevistas não deve ser reduzido à transcrição de frases: é necessário preservar as trajetórias, os contextos e os modos de narrar das participantes.

A literatura também permite interpretar a invisibilização das benzedeiras como parte de processos históricos de desvalorização de saberes populares e de práticas religiosas não hegemônicas. Oliveira e Soares (2022) distinguem o racismo religioso de manifestações genéricas de intolerância ao ressaltar sua dimensão racial e histórica. Morais (2021) e Mota (2018) discutem como práticas de matriz africana e comunidades tradicionais enfrentam processos de silenciamento. Assim como Maria Aparecida aponta que não gosta de ser chamada de benzedeira, para não ser confundida com algum tipo de curandeira e feiticeira, além do pedido do padre de sua paróquia para oficializar seu ofício de benzimento perante a igreja católica, para que ela não fosse mal vista pela comunidade e não sofresse nenhum tipo de penalidade.

O livro-reportagem mostrou-se compatível com o objetivo de ampliar o tempo de escuta e de contextualização. Pena (2006) e Lima (2009) caracterizam esse formato pela articulação entre

apuração, profundidade e recursos narrativos. Ao transformar entrevistas em perfis e relatos organizados, a produção jornalística cria um material para memórias que circulavam principalmente pela oralidade. Nesse sentido, o produto pode ser tido como lugar de memória, sem substituir a transmissão viva das práticas, mas contribuindo para documentá-las e torná-las acessíveis a outros públicos.

Conclusão

O estudo alcançou o objetivo de registrar histórias e saberes de duas rezadeiras de Paraibuna-SP, evidenciando a importância da memória cultural, da oralidade, opiniões sobre os saberes, fazeres populares e das relações familiares na continuidade dessas práticas. As entrevistas jornalísticas mostraram que o aprendizado ocorreu por meio da convivência entre gerações e que o benzimento reúne orações, rituais, gestos e conhecimentos sobre elementos naturais. Também se observou que as práticas não são homogêneas, pois cada participante desenvolveu um repertório próprio, relacionado à sua trajetória e à sua rede de aprendizagem.

A produção do livro-reportagem constituiu uma forma de preservar e dar visibilidade às opiniões coletadas. O registro não elimina os riscos de desaparecimento dos saberes, mas contribui para que essas experiências sejam reconhecidas como parte da cultura popular e do patrimônio imaterial. A pesquisa também reforça a necessidade de estudos acadêmicos, além do fazer jornalístico com maior número de participantes e com atenção às diferentes regiões, gerações, matrizes religiosas e formas de transmissão relacionadas às benzedeiras e rezadeiras.

Referências

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular.** 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990. (Coleção Primeiros Passos).

ASSMANN, Jan. Communicative and cultural memory. In: ERLL, Astrid; NÜNNING, Ansgar (Eds.). **Cultural Memory Studies: An International and Interdisciplinary Handbook**. Berlin: De Gruyter, 2008. p. 109-118.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 197-221.

CASSAB, Latif Antonia. A metodologia de pesquisa da história oral. **Brapci**, 2004.

CATENACCI, Vivian. Cultura popular: entre a tradição e a transformação. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 28-35, 2001.

CHARTIER, Roger. **"Cultura Popular": revisitando um conceito historiográfico.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 179-192, 1995.

DOMINGUES, Petrônio. Cultura popular: as construções de um conceito na produção historiográfica. **História**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 401-419, 2011.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. Barueri: Manole, 2009.

MORAIS, Mariana Ramos de. "Povos e comunidades tradicionais de matriz africana" no combate ao "racismo religioso". **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 2, p. 11-34, 2021.

OLIVEIRA, David Mesquiati de; SOARES, Weverson Gusmão. "Racismo religioso" e religiões de matriz africana no Brasil. **Revista Davar Polissêmica**, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, jul.-dez. 2022.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita**: a tecnologização da palavra. Campinas: Papirus, 1998.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

ROCHA, Gilmar. Cultura popular: do folclore ao patrimônio. **Mediações – Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 14, n. 1, p. 218-236, 2009.

ROUCHOU, Joëlle. Ouvir o outro: entrevista na história oral e no jornalismo. **Intercom**, 2003.

SANTOS, Fátima Valéria dos. O ofício das rezadeiras como patrimônio cultural: religiosidade e saberes de cura em Cruzeta na região do Seridó Potiguar. **Revista CPC**, São Paulo, n. 8, p. 65-90, 2009.

VINUTO, Juliana. **A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa:** um debate em aberto. Temáticas, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, ago./dez. 2014.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**: a "literatura" medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.